

COTIDIANO E SOCIABILIDADES NO IMPÉRIO ROMANO



GILVAN VENTURA DA SILVA
LENI RIBEIRO LEITE
ÉRICA CRISTHYANE MORAIS DA SILVA
BELCHIOR MONTEIRO LIMA NETO
Organizadores

COTIDIANO E SOCIABILIDADES NO IMPÉRIO ROMANO



Vitória, ES
2015

CERÂMICA E MUDANÇA SOCIAL EM BRACARA AUGUSTA: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS PRODUÇÕES E DOS PRODUTOS DESDE A FUNDAÇÃO DA CIDADE À ANTIGUIDADE TARDIA

Jorge Manuel Pinto Ribeiro

Introdução

As cerâmicas constituem uma importante expressão dos contextos de produção de qualquer sociedade, bem como da sua evolução social, transportando-nos ao universo da economia, da organização do trabalho, da inovação e dos gostos. Na época romana, foram fabricadas com técnicas, estilos e formas que sofreram mudanças e evoluções significativas, fato que nos permite aceder ao passado de *Bracara Augusta*, denunciando aspetos econômicos e políticos, mas igualmente indícios de sociabilidades relativas quer à produção, quer ao consumo.

Pretendemos, com este texto, tentar aceder ao passado da cidade de *Bracara Augusta* por intermédio da análise de algumas das suas produções cerâmicas. Com efeito, a leitura desse material dá acesso a um mundo de informações de natureza variada, que pode ajudar a entender a evolução da cidade, desde a sua fundação à Antiguidade Tardia, mas também falar dos seus habitantes, do seu dia a dia e das suas práticas de sociabilidade.

O potencial informativo dos materiais cerâmicos

A cerâmica pode fornecer um contributo precioso no estudo das cidades. Como referimos, os materiais cerâmicos constituem o material mais frequente no registo arqueológico, permitindo datar estratos e contextos construtivos, mas não só. Com efeito, a sua análise possibilita estudos de natureza econômica e social, pois informam sobre os locais de produção (pastas), as rotas comerciais (pastas, naufrágios, arqueologia), os gostos alimentares (estudo de vestígios de conteúdos das ânforas) e as estratégias de exploração dos recursos. Permite igualmente aferir acerca da capacidade

técnica dos oleiros daquela época, nomeadamente por meio das técnicas de cozedura evidenciadas, algumas das quais muito elaboradas, como acontece no caso das *sigillatas*, submetidas a um processo de cozedura bastante complexo, estabelecido em fases distintas, que atingia temperaturas elevadíssimas. Estes materiais denunciam ainda preferências e tendências, bem como a capacidade econômica das elites urbanas provinciais.

Os primeiros contactos com o Noroeste peninsular

Os romanos contactaram pela primeira vez com o Noroeste da Península Ibérica, zona considerada pouco hospitaleira por Estrabão (*Geographia*, III, 1, 2), em 138 a.C., no âmbito de duas expedições: uma primeira comandada pelo procônsul Q. *Servilius Caepio*, inserida nas guerras lusitanas; e uma segunda, chefiada por *Decimus Junius Brutus*, cuja motivação estaria relacionada com o acesso às explorações auríferas da região. Na sequência desta última expedição, o território entre o rio Douro e o rio Minho foi pacificado, muito embora o controle militar do NO peninsular só tenha se efetivado após as guerras cantábricas, já no tempo de Augusto. A fundação de *Bracara Augusta* ocorreu nesse contexto, representando uma das três fundações urbanas augustas do NO hispânico, juntamente com as cidades de Lugo e de Astorga, cerca de 16/15 a.C., inserindo-se na reorganização política e administrativa da região (MARTINS; FONTES, 2010, p. 111). Naturalmente, tal fato teve implicações em vários domínios: político, administrativo, social e religioso. A influência romana nos costumes, pensamento, modo de vida e tecnologia, mesclando-se com as tradições locais, criaram uma sociedade particular, que iremos aqui abordar por intermédio da análise das suas produções cerâmicas.

As cerâmicas pré-romanas e as cerâmicas de tradição indígena. O povoamento pré-romano e os primórdios da cidade

Bracara Augusta foi fundada numa região rica em povoados da Idade do Ferro, com destaque para o Castro Máximo, situado na periferia do centro urbano (MARTINS, 2009, p. 183). Os habitantes destes povoados, descritos por Estrabão (*Geo.*, III, 3, 7) e Plínio (*História Natural*, IV, 34, 4), são denunciados

por suas habitações circulares, mas também por suas produções cerâmicas, que chegaram aos nossos dias num estado bastante fragmentado devido à longa duração dos povoados indígenas. Estas produções revelam comunidades detentoras de determinadas capacidades técnicas, capazes de selecionar as melhores argilas, preparar as pastas, modelar formas, conhecedoras dos processos complexos de cozedura. Estas cerâmicas surgiram na sequência de uma longa tradição que remonta ao Bronze Final. Nos finais da Idade do Ferro, estes povoados revelaram já um nível de organização económico, social e político bastante complexo (MARTINS, 1987, p. 51), que denuncia uma grande dinâmica económica das comunidades, que possivelmente competiam entre si. As cerâmicas produzidas deixam transparecer já um grande domínio técnico, materializado na utilização regular do torno, embora se mantenha o fabrico manual, na produção de pastas mais finas e no aumento do repertório de formas, com estas a assumirem uma maior especialização. Os vários povoados estudados revelam louças bastante homogêneas, essencialmente talhas, panelas e tachos de ir ao lume e copas, o que sugere contatos regulares entre as comunidades.

As várias intervenções realizadas na cidade de Braga documentam a presença de uma grande quantidade de cerâmicas de fabrico indígena, semelhantes àquelas que referimos acima. Estas peças, para além de indicar um abastecimento nos castros da região, apresentam uma série de inovações tecnológicas, caracterizando-se pela presença de uma pasta arenosa, de boa qualidade, superfícies cuidadas e com peças de tons claros resultantes do uso de cozeduras oxidantes. Distribuem-se por um repertório de formas variadas e de diferentes dimensões. Algumas falam-nos dos seus fabricantes, sendo conhecido um *Camalus*, representado pela marca *CAMAL*, nome associado à onomástica indígena, frequente nos *dolia* (DELGADO; MORAIS, 2009, p. 13).

Estas cerâmicas são importantes, porque revelam, para as primeiras décadas de vida da cidade, a presença de um forte componente populacional indígena entre os seus habitantes.

As fontes de abastecimento e as olarias

Bracara Augusta se beneficiou de várias fontes de abastecimento de argila. A mais importante localizava-se a 6 quilómetros a NO da cidade (Prado/Ucha/

Cabanelas), mas conhecem-se outras nas imediações, ao longo do rio Cávado, denunciadas pela toponímia atual.¹ Nesses locais, estariam instaladas oficinas, tal como na própria cidade, onde foram documentados vários vestígios de fornos. Na verdade, o único exemplar de forno conhecido foi identificado no ano de 2009, nos terrenos do novo hospital de Braga, a alguns quilómetros da cidade.² Trata-se de uma estrutura de forma retangular, realizada em tijolo, que seria eventualmente rematada por uma cobertura abobadada, muito provavelmente relacionada com a cozedura de materiais de construção. Para além do forno referenciado, existem testemunhos de outros na cidade. Entre eles, cabe destacar um identificado na rua dos Falcões (números 8-10),³ além de vestígios de outro na Avenida Imaculada Conceição (oficinas da Livraria Cruz).⁴ Há ainda referências feitas pelo Cônego Arlindo da Cunha a um forno descoberto durante os trabalhos de abertura da rua Santos da Cunha, em 1955 (vd. Correio do Minho 5-11-1964 a 12-11-1964), posteriormente comprovado por Rigaud de Sousa (1966; 1968).

A cidade poderia igualmente ser ela própria proprietária de uma zona de barreiros, tal como parece sugerido por uma marca identificada numa lucerna que, para além do nome do fabricante, informa igualmente sobre o local de produção, EX · OF / L·V / B·A·F, que, segundo Rui Morais (2005, p. 368), poderia ser lida como *ex officina / Lu(cretii) / (ex) B(racarae) A(ugustae) f(iglinis vel iglina)*. Esta situação não é, todavia, inédita, tendo já sido documentada noutros locais e noutras produções, denunciando a existência de contratos entre os municípios e oficinas produtoras. A título de exemplo, podemos referir a marca EX F(IGLINIS) BAR(BA), identificada numa ânfora Dressel 20, documentada por Kate Sheehan-Finn (2012, p. 4), em Vindolanda, forte romano situado na *Britannia*. Esta ânfora pode ter sido produzida no *municipium* de *Singilia Barba*, no *conventus* de Cordoba, revelando, segundo essa autora, uma provável participação da cidade nessa atividade produtiva.

¹ Nomeadamente os casos das freguesias de Oleiros ou ainda de Barreiros.

² Escavação não publicada e da responsabilidade do arqueólogo David Mendes, a quem agradecemos as informações transmitidas.

³ Escavação da responsabilidade do arqueólogo Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga. Inédita.

⁴ Intervenção da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Inédita.

Este aspeto é de fato digno de destaque, dando-nos a conhecer os locais e as pessoas ligados a esta produção industrial. Trata-se de uma matéria que tem sido bastante desenvolvida no caso dos tijolos, produção regulada durante o Império, associada a vários selos que, para além da identificação da zona de barreiros (*figlinae*), informam igualmente sobre o *officinator* (pessoa encarregada da produção), o *dominus*, grande proprietário fundiário, que delegava essa produção ao *officinator*, por meio de um contrato do tipo *locatio-conductio* (CHAUSSON, 2005, p. 225). Em Roma, este aspecto é verdadeiramente interessante, uma vez que, a determinada altura e durante certo período de tempo, os referidos tijolos exibiam data consular, permitindo a datação daqueles produtos à década ou mesmo, por vezes, ao ano. Desta forma, é possível acompanhar a sucessão de *domini* ao longo da produção de determinadas *figlinae*, denunciando heranças e/ou vendas dessas propriedades entre várias pessoas e revelando dados desconhecidos sobre as famílias senatoriais responsáveis por essa produção (CHAUSSON, 2005, p. 226).

As trocas, o comércio e as modas

A cidade de *Bracara Augusta* tornou-se muito cedo um centro importador e redistribuidor de produtos alimentares e manufaturados, tendo começado rapidamente a importar cerâmicas de outros pontos do Império, designadamente *sigillatas*, provenientes dos principais centros de produção itálicos e paredes finas com a mesma origem, correspondendo a um intervalo cronológico que vai desde o final do reinado de Augusto ao de Tibério (MORAIS, 2005, p. 148). De meados do século I a finais do mesmo, o quadro das importações orientou-se para as produções de *sigillatas* do sul da Gália (Fig. 1), com a quase totalidade dos fragmentos conhecidos oriundos de *La Graufesenque* e, posteriormente, hispânicas, sendo esta uma das produções mais significativa nos contextos arqueológicos de Braga.⁵ Simultaneamente, surgem também na cidade as paredes finas peninsulares. Tratam-se de cerâmicas finas de mesa, subsidiárias do comércio e das rotas

⁵ Foram recolhidos cerca de 5000 fragmentos de *terra sigillata* na cidade, 70% dos quais de produção hispânica.

comerciais frequentadas pelas ânforas, que revelam a adesão a novas práticas e às modas seguidas pelas elites provinciais, bem como a sua disponibilidade econômica.



Fig. 1 – Peças em *terra sigillata* sudgálica encontradas nas escavações (Foto MDDS).

A par das cerâmicas finas de mesa, os bracaraugustanos importaram igualmente ânforas de várias regiões do Império, em grande quantidade e variedade. Este comércio revela uma ligação com os grandes centros produtores desses contentores e uma integração de *Bracara Augusta* na economia do Império. De destacar, o papel da Bética como parceiro principal, de onde vinham o vinho e os seus derivados e produtos piscícolas,⁶ referenciados nos diversos *tituli picti* documentados.⁷ Rui Morais (2005, p. 121) afirma que as ânforas Haltern 70 poderiam estar associadas a um vinho de menor qualidade, muito doce, servido na mesa dos mais pobres ou vendido nas *tabernae* da cidade. Esta ânfora, para além do vinho e dos seus derivados, fazia chegar à cidade todo um conjunto variado de produtos: *defructum*, *sapa*, *oliva ex-defructum*, *oliva dulcis* e *mulsum* (MORAIS, 2005, p. 118). Essa informação é facultada pelos diversos *tituli picti* documentados, mas igualmente pelos estudos realizados nos vestígios de conteúdos encontrados em naufrágios. O *defructum*, líquido doce obtido pela cozedura do mosto, poderia ser utilizado como bebida, mas também na culinária, ou simplesmente como substituto do mel, como o refere Beltrán Lloris (*apud* MORAIS, 2005, p. 118). A *sapa* era um vinho cozido, mais pobre do que o *defructum* e utilizado na culinária (Plín., *His. Nat.*, XIV, 11). Estas ânforas revelam igualmente o transporte de azeitonas negras em conserva

⁶ Com particular destaque para as formas Haltern 70 e Dressel 7/11.

⁷ Inscrições presentes em algumas ânforas fornecem informações de grande valor, indicando a origem, o período de utilização, o produto transportado, as quantidades e os nomes dos comerciantes e transportadores.

(*Oliva ex-defructum*) e ainda de azeitonas envolvidas num produto doce derivado do vinho (*oliva dulcis*). Sabe-se que serviram também para o transporte de *muslum*, vinho cozido misturado com mel, descrito por vários autores clássicos (Plín., *Hist. Nat.*, XXII, 3; Columela, *De Agricultura*, XII, 41) e de *muria*, preparado piscícola, análogo ao *garum*. Na verdade, aquilo que nos interessa aqui é perceber qual seria a dieta alimentar dos habitantes da cidade e a grande quantidade de ânforas deste tipo que chegou a *Bracara Augusta*, que representa cerca de 80% da população anfórica (MORAIS, 2005, p. 120). Tal fato sugere que o vinho e os seus derivados passaram a integrar solidamente os hábitos de sua população. Chegaram também à cidade outros tipos de ânforas, designadamente ânforas Dressel 2-4 itálicas e tipo Ródio, com cronologia de meados do século I a meados do século II, originárias do Egeu, transportando vinho de melhor qualidade, destinado às elites. Pode-se perceber que o vinho estava já associado a um consumo de prestígio por parte das elites indígenas nos finais do século I a.C, representado pelas ânforas tardo-republicanas Lamboglia 2 e Dressel 1 (MORAIS, 2005, p. 120).

O azeite também era importado, estando documentado pelas ânforas oleícolas Dressel 20, embora pouco numerosas comparativamente com outras, possivelmente derivado da continuidade do uso de gorduras animais (MORAIS, 1997-98, p. 179).

A presença destes materiais em grande quantidade confirma ainda a dimensão da *urbe* e a sua grande densidade populacional, testemunhadas por Plínio, na sua descrição do convento *bracaraugustanus* (MARTINS, 1991-92, p. 178).

Bracara Augusta tornou-se, igualmente, um centro produtor de grande importância, de modo a sustentar as necessidades da área urbana e dos núcleos rurais dependentes. As peças fabricadas destinavam-se a vários fins, desde o uso doméstico, para o dia a dia ou para momentos de exceção, o transporte e o armazenamento.

Neste contexto, será importante destacar a habilidade dos oleiros, que, para além de realizar peças de qualidade, imitaram determinadas produções finas de importação. Com efeito, os oleiros bracarenses foram exímios no fabrico de cerâmicas grosseiras, mas também de produções finas, como a cerâmica bracarense, a cerâmica cinzenta fina polida, as cerâmicas pintadas,

a cerâmica de engobe branco, a cerâmica de engobe vermelho, as cerâmicas comuns finas ou ainda as lucernas, entre outras. Deste grupo cabe destacar três produções particulares, pela sua especificidade: a cerâmica bracarense, a produção de lucernas e as cerâmicas de engobe vermelho.

A cerâmica bracarense (Fig. 2.1), realizada com argilas caulínicas, de cor clara, com cronologia de meados do século I e início do século II (MORAIS, 2005, p. 306), é particularmente interessante pelo fato de reproduzir as formas mais comuns da *terra sigillata* hispânica e de algumas formas de paredes finas emeritenses. Delgado e Morais (2009, p. 25) informam ainda que esta produção poderia corresponder à instalação, em Braga, de oleiros vindos da Bética, naturalmente conhecedores das formas de *sigillatas* e de paredes finas daquela região, que passaram a realizar esses modelos num material diferente. Esta cerâmica serviu para o consumo local, mas também foi exportada regionalmente, como o comprovam os materiais identificados em vários locais do NO peninsular, designadamente no acampamento de *Aquae Querquenis* (DELGADO; MORAIS, 2009, p. 25).

As cerâmicas de engobe vermelho foram produzidas ao longo de todo o período imperial, apresentando muitas formas de imitação, desde o engobe vermelho pompeiano a formas em *terra sigillata* alto-imperial.

As lucernas (Fig. 2.2) constituem outra das produções locais cujo contributo é importante destacar, confirmando o grau de romanização da cidade (DELGADO; MORAIS, 2009, 103). Foram recolhidos, até à data, numerosos exemplares, distribuídos por tipologias diversificadas, apontando para uma procura bastante significativa. Estes materiais podem ser abordados sob uma perspetiva iconográfica, revelando os motivos decorativos preferidos dos bracarenses, com uma maior preponderância dos temas religiosos e mitológicos, seguidos dos temas naturalistas (plantas e desenhos florais) e dos temas relacionado com a vida cotidiana, representando cenas de jogos e de divertimento e ainda motivos eróticos. De referir que as lucernas foram igualmente importadas, nomeadamente da Península Itálica, embora a sua frequência seja bastante inferior à das produções locais (MORAIS, 2005, p. 319).



Fig. 2 – 1. Cerâmica bracarense (Foto MDDS). 2. Lucernas de produção local (Foto Cristina Braga).

As importações conheceram uma dinâmica constante ao longo da ocupação de *Bracara Augusta*, com momentos de maior atividade sob os Flávios e os Antoninos. Tais elementos, associados à dinâmica construtiva evidenciada nos mesmos períodos, denunciam a presença, na cidade, de uma classe de proprietários fundiários, comerciantes e artesãos empreendedores, que contribuíram para o grande desenvolvimento econômico da *urbs* alto imperial (MARTINS; FONTES, 2010, p. 115).

No século IV, a cidade conheceu um período de grande florescimento econômico, que se expressou numa produção cerâmica diversificada que atendia às exigências de sua população. São testemunhos deste período várias produções locais, como a cerâmica de engobe branco, com uso utilitário, de prestígio ou eventualmente ritual, ou ainda a já referida cerâmica de engobe vermelho, que imitava exemplares em terra *sigillata* africanos e hispânicos tardios (DELGADO, 1993-94).

Nos séculos V e VI, período marcado por complicações políticas e sociais, associadas às movimentações de Suevos e Visigodos,⁸ a cidade manteve-se inserida numa complexa rede de intercâmbios à distância, estabelecida nas rotas mediterrânica e atlântica, como o comprovam as numerosas importações de *terra sigillata* hispânica tardia (TSHT), derivadas de *sigillatas* paleocristãs gaulesas (DSPC), *terra sigillata* africana (ARSW C e D), focense (Late Roman C), cipriota (Late Roman D) e ainda ânforas africanas e orientais, provenientes da Grécia e do Próximo-Oriente. Muitas dessas peças, como as frigideiras, exibem um grande diâmetro,

⁸ A cidade transforma-se na capital política e administrativa do reino suevo em 411.

que informa sobre práticas alimentares distintas, muito diferentes das primeiras importações, constituídas por peças tendencialmente menores.

Os oleiros locais, por sua vez, mantinham igualmente uma atividade intensa, bem testemunhada pela preponderância da cerâmica cinzenta tardia. Esta era fabricada com uma argila que provinha da zona de Prado, já referida, demonstrando a continuidade de utilização desses barreiros. Esta produção conheceu ainda uma difusão regional, tal como parece sugerir o conjunto de cerâmicas cinzentas tardias, identificado em Conimbriga (DELGADO; MORAIS, 2009, p. 61). Uma das particularidades mais interessante desta produção prende-se à presença de exemplares finos, alguns dos quais imitando ou inspirando-se em formas tardias das *sigillatas* já referidas.

Ao longo de todo o período romano, os oleiros bracarenses produziram cerâmicas com características menos cuidadas, designadas por cerâmicas comuns grosseiras que, como não será de estranhar, correspondem ao essencial dos materiais cerâmicos recolhidos nas escavações (DELGADO; MORAIS, 2009, p. 81). Os vários pratos, frigideiras, tigelas, tachos, panelas e potes representam a louça do dia a dia, que servia para cozinhar, servir, comer, lavar, armazenar e transportar.

Os agentes envolvidos no comércio e na produção: os oleiros, mercadores e outros comerciantes

Toda esta dinâmica comercial que enunciamos, em particular a presença maciça de ânforas béticas (Haltern 70), revela, segundo Rui Morais (2005, p. 122), a existência de um projeto consolidado de importação e de redistribuição, que implicou necessariamente a presença de indivíduos com grandes capacidades negociais, desde logo *negociatores*, comerciantes em grande escala, documentados epigraficamente em *Bracara Augusta*, no tempo de Cláudio e outros; de menor importância, os *mercatores*, pequenos comerciantes, eventualmente reunidos em *collegia*, ou seja, em corporações de ofícios. Estas atividades implicavam igualmente a presença de *tabularii*, funcionários administrativos ligados a assuntos financeiros, documentados em Lugo (MORAIS, 2005, p. 391).

A olaria deve ter assumido um papel significativo no desenvolvimento da cidade. Nas oficinas cerâmicas, trabalharia um grande número de escravos, libertos e indígenas, alguns dos quais proprietários das mesmas.

Alguns dos materiais cerâmicos exumados apresentam marcas, símbolos e grafitos que nos falam dos oleiros que laboravam em *Bracara Augusta*. A marca *Muntrep* (*L. Munatius Treptus*) (Fig. 3.1) é particularmente interessante, uma vez que se encontra associada a dois moldes descobertos na cidade, denunciando a prática de cópias fraudulentas de lucernas importadas, obtendo novas matrizes e reduzindo, dessa forma, consideravelmente, os custos das peças (MORAIS, 2005, p. 366). A marca *Lucretius* (Fig. 3.2) é também merecedora de realce, estando presente em diferentes exemplares, com cronologias distintas. Os *Lucretii*, segundo Rui Morais (2005, p. 369), poderiam representar uma família de oleiros bem-sucedida, que conseguiu, por via do comércio, exportando os seus produtos, afirmar-se socialmente e retirar daí aproveitamento político. As informações recolhidas sugerem uma longa duração da sua oficina, entre os finais do século I e III (MORAIS, 2005, p. 368).



Fig. 3 – 1. Marca *Muntrep*. 2. Marca *Lucretius* (Fotos MDDS)

As várias marcas e símbolos documentados identificam ainda outros oleiros, relacionados com outras produções locais, como o já referido caso de *Camalus*, presente em muitas inscrições lapidares e rupestres no NO peninsular, um certo *Rufini* (derivado de Rufus, nome comum na onomástica

local), ou ainda um *Saturninus*, cuja marca aparece igualmente num povoado situado a norte de Braga e na cidade de Tiermes, situada na província de Soria, em Espanha, revelando, segundo Rui Morais (2005, p. 86), laços familiares ou possivelmente a existência de sucursais. Determinados símbolos parecem igualmente querer representar oleiros ou proprietários de oficinas, designadamente a abreviatura SIL, ou ainda os genitivos *Piri* e *Sabini*.

A intensa atividade econômica e comercial de *Bracara Augusta* poderia claramente ser deduzida de uma inscrição dedicada ao governador da Citerior, *Caius Caetronius Miccio*, em 42, pelos cidadãos romanos que negociavam em *Bracara Augusta*, segundo transcrição integral de Géza Alföldy (MORAIS; RIBEIRO, 2013, p. 193).⁹ Sabemos que *Caius Miccio* ocupou vários cargos na Hispânia, que o teria levado a contactar diretamente com *Bracara Augusta*, por via do comércio intensivo que a cidade mantinha com a Bética. Esta inscrição confirma a presença dos *negociatores*, comerciantes de grande escala, com uma posição social de destaque, possivelmente sedentarizados, dedicados à importação de vinho, mas que também alugavam barcos e emprestavam dinheiro (MORAIS, 2005, p. 119).

O ritual e o simbólico

Como referimos acima, as cerâmicas romanas exibiam um potencial informativo de grande interesse para o estudo da sociedade, falando-nos do cotidiano da população urbana, da vida doméstica, do comércio ou ainda do mundo dos negócios. Algumas merecem ser destacadas pelo seu significado simbólico, informando sobre aspetos relacionados com os rituais praticados pelos habitantes de *Bracara Augusta*.

Uma *phiale* (Fig. 4.1), em engobe vermelho (DELGADO; MORAIS, 2009, p. 47), datada do século I, encontrada nas escavações de uma *domus* da cidade, associa-se às libações aos deuses.¹⁰ Esta peça, que frequentemente era feita em metal precioso, como a prata, tem origem na Grécia e exibe uma proeminência interna no seu centro, representando o *omphalos*, designando-se como tal de

⁹ *Cives Romani qui negotiantur Bracaraugusta.*

¹⁰ Rua de S. Geraldo, nº 34.

mesomphalos. Normalmente era transportada por uma mulher e continha vinho, que era vertido sobre o chão (VEYNE, 1990, p. 17). Constitui uma peça rara na época romana, principalmente em cerâmica.

Na *domus* das Carvalheiras foi exumado um vaso ritual (Fig. 4.2) em cerâmica pintada (MORAIS, 2005, p. 92; DELGADO; MORAIS, 2009, p. 37), tendo sido encontrada numa fossa aberta na alterite granítica (DELGADO, 1996-1997, p. 153), com cronologia entre a segunda metade do século II e finais do III. Segundo Rui Morais (2013, p. 130), estas peças tinham por função a defesa da casa por meio de determinados símbolos, neste caso fálcos, contra os malefícios de *Invidus*, divindade maléfica que atingia homens e animais.

Noutro fragmento de produção pintada (Fig. 4.3), datado da segunda metade do século I, surgem duas personagens, uma masculina, togada, segurando na mão esquerda uma folha de palma e na direita uma pátera; e outra feminina representando uma bailarina (MORAIS, 2005, p. 91; DELGADO; MORAIS, 2009, p. 107; MORAIS, 2013, p. 130).



Fig. 4 - 1. Phiale. 2. Vaso fálco. 3. Fragmento em cerâmica pintada (Fotos MDDS). 4. Ficha de jogo (Desenho MDDS).

Uma ficha de jogo (Fig. 4.4), feita a partir de um pequeno testó (MORAIS, 2005, p. 87), encontrada na zona arqueológica das Cavalariças, onde foram detectados vestígios correspondentes a três *insulae* da cidade romana (RIBEIRO, 2008, p. 19), poderia ter uma conotação augural,

apresentando um grafito com a inscrição *SAECULARES*, remetendo para a realização dos *ludi saeculares*, que celebravam, em Roma, o início de cada centenário. Trata-se de um motivo comum na numismática, tendo vários imperadores mandado cunhar moedas comemorando os referidos jogos.

Um fragmento de uma jarra em cerâmica comum fina (MORAIS, 2005, p. 92; DELGADO; MORAIS, 2009, p. 71), com cronologia do século I, recuperado numa sepultura de uma das necrópoles da cidade, apresenta uma decoração feita com uma cabeça de javali aplicada sobre a peça, certamente com carácter apotropaico.¹¹

Um outro fragmento, descontextualizado, correspondendo a um fundo de uma forma indeterminada (MORAIS, 2005, p. 92; DELGADO; MORAIS, 2009, p. 71), igualmente em cerâmica comum fina, datado dos séculos I e II, apresenta uma decoração materializada por um pequeno busto aplicado.

Finalmente, na mesma produção, uma pequena pega (MORAIS, 2005, p. 92; DELGADO; MORAIS, 2009, p. 71), proveniente de uma forma indeterminada, datada do século I e II, descoberta nas escavações da Colina da Cividade, consubstancia-se numa cabeça de serpente estilizada.

O mundo da morte

A maior parte das peças encontradas intactas provem de contextos de necrópole, denunciando frequentemente a base cultural dos defuntos ou ainda os rituais funerários. Mesmo nestes contextos muito particulares, os objetos continuam a falar das pessoas que acompanham. Assim, a presença de urnas em cerâmica indígena, em determinadas sepulturas, poderia sugerir a origem indígena do indivíduo. As lucernas, por sua vez, informam sobre determinados passos do ritual funerário romano, podendo assumir significados distintos, dependendo do contexto no qual se encontram. Quando provêm das sepulturas, frequentemente inteiras, estão associadas à iluminação do defunto durante a sua viagem. Quando são detectadas em piras, ou em deposição secundária, misturadas com cinzas, remetem para o processo de cremação, em que determinados objetos eram colocados juntos

¹¹ Necrópole da Via XVI, rua do Caires.

do defunto. Nesse caso particular, existem várias possibilidades: o objeto podia representar um determinado gesto/símbolo, poderia ter pertencido ao defunto, ou simplesmente identificar o cidadão romano.¹² Quanto aos copos em paredes finas ou ainda aos púcaros, encontram-se associados aos banquetes, muitos dos quais não revelando qualquer tipo de uso.

Terminaremos com uma peça única em Braga: um *Kernos* (Fig. 5), vaso relacionado com libações e oferendas, encontrado nas escavações na necrópole da Via XVII,¹³ cujos exemplares mais antigos datam dos séculos XIV e XIII a.C.¹⁴ É uma peça feita em cerâmica bracarense, constituída por uma base em anel, sobre a qual estão apoiados diferentes recipientes menores destinados a receber as oferendas. Trata-se de uma forma complexa, que revela toda a mestria do oleiro. É igualmente interessante, uma vez que nos informa sobre a origem do defunto, eventualmente de origem grega, igualmente documentada na epigrafia funerária, nomeadamente numa estela pertencente à necrópole da Via XVII, encontrada no século XVIII, nas imediações do convento dos Remédios, que nos fala de dois escravos: *Agathoupous* e *Zethus* (TRANOY; LE ROUX, 1989-1990, p. 193).



Fig. 5 – Kernos (Foto Cristina Braga).

¹² De referir que em Braga poucas são as sepulturas que apresentam lucernas.

¹³ Escavações realizadas no Túnel da Avenida da Liberdade.

¹⁴ Com origem na Grécia.

Referências

Documentação textual

COLUMELA. *On agriculture*. Translated by S. Forster. London: Loeb Classical Library, 1977.

ESTRABO. *Geography*. Translated by A. D. Godley. London: Loeb Classical Library, 1969.

PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated and introduction by Jonh F. Healy. London: Penguin Books, 2004.

SUETÔNIO. *Vida dos doze Césares*. Tradução de Sandy Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2003.

Obras de Apoio

CHAUSSON, F. Des femmes, des hommes, des briques: prosopographie sénatoriale et figlinae alimentant le marché urbain. *Archeologia Classica*, v. 56, n. 6, p. 225-267, 2005.

DELGADO, M. Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga. *Cadernos de Arqueologia*, n. 10-11, p. 113-149, 1993-1994.

DELGADO, M. Potes meleiros de *Bracara Augusta*. *Portugalia*, n. 17-18, p. 149-165, 1996-1997.

DELGADO, M.; MORAIS, R. *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: ESAG, 2009.

MARTINS, M. A Cerâmica proto-histórica do Vale do Cávado: tentativa de sistematização. *Cadernos de Arqueologia*, n. 4, p. 35-77, 1987.

MARTINS, M. *Bracara Augusta*: a memória de uma cidade. *Cadernos de Arqueologia*, n. 8-9, p. 177-197, 1991-1992.

MARTINS, M. *Bracara Augusta*. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. In: DOPICO CAÍNZOS, M. D. *et al* (Ed.). *Do castro à cidade*. A romanización na Gallaecia e na Hispania indoeuropea. Lugo: Diputación Provincial de Lugo, 2009, p. 181-211.

MARTINS, M.; FONTES, L. *Bracara Augusta*. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia romana. In: GONZÁLEZ VILLAESCUSA R.; RUÍZ DE ARBULO, J. (Ed.). *Simulacra Romae II*. Reims: Société archéologique champenoise, 2010, p. 111-124.

MORAIS, R. Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: da fundação até à época flávia. *Cadernos de Arqueologia*, n. 14-15, p. 47-135, 1997-1998.

MORAIS, R. Sobre a hegemonia do vinho e a escassez do azeite. *Cadernos de Arqueologia*, n. 14-15, p. 175-182, 1997-1998.

MORAIS, R. Autarcia e comércio em *Bracara Augusta*. *Bracara Augusta: escavações arqueológicas*, n. 2, 2005.

MORAIS, R. Representações artísticas em vidros e cerâmicas romanas de *Bracara Augusta*. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*, v. 12, p. 127-142, 2013.

MORAIS, R.; RIBEIRO, J. Produções cerâmicas de *Bracara Augusta*. In: BERNAL, D. et al (Ed.) *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania*. Cádiz: UCA, 2013, p. 193-208.

RIBEIRO, M. C. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna*. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2008.

SHEEHAN-FINN, K. *Vindolanda's amphora stamps 2007-2012*. Chesterholm: Stone Source Projetc, 2012.

SOUSA, J. J. R. Inventário de materiais para a arqueologia bracarense. *Bracara Augusta*, n. 20, p. 165-178, 1966.

SOUSA, J. J. R. Braga nos séculos IV e V. Notas arqueológicas. *Bracara Augusta*, n. 22, p. 194-196, 1968.

TRANOY, A.; LE ROUX, P. As necrópoles de *Bracara Augusta*: les inscriptions funéraires. *Cadernos de Arqueologia*, n. 6/7, p. 183-226, 1989-1990.

VEYNE, P. Images de divinités tenant une phiale ou patère. *Mètis, Anthropologie des mondes grecs anciens*, v. 5, n. 1-2, p. 17-30, 1990.